

CIÊNCIA E GENEALOGIA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA O ENSINO

SCIENCE AND GENEALOGY: A POSSIBLE WAY FOR TEACHING

Deniz Alcione Nicolay¹

Recebido: dezembro/2019 Aprovado: março/2020

RESUMO: Este relato procura sintetizar elementos de pesquisa (e prática) docente por meio de projeto desenvolvido no âmbito do grupo de pesquisa, trabalhando, sobretudo, com estudantes de nível superior (cursos de licenciatura). Enfatiza a pesquisa a partir do conceito de genealogia do filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900). Por meio desse conceito, pensa a relação entre ciência e ensino, problematizado a percepção acerca do método e da historicidade do conhecimento. Nessa direção, destaca também as contribuições de Michel Foucault (1926-1984) na esteira de sua produção genealógica. Logicamente considerando a distância temporal entre os dois pensadores e a especificidade de suas obras. Por fim, questiona a superação da crítica dialética, do pensamento dualista e das matrizes reativas da ciência, apresentando o enredo de uma *Gaia Ciência*.


Palavras Chaves: Conhecimento. Crítica. Formação.

ABSTRACT: This report seeks to synthesize elements of teaching research (and practice) through a project developed within the scope of the research group, working, especially, with higher education students (undergraduate courses). Emphasizes research based on the concept of genealogy of the philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900). Through this concept, he thinks about the relationship between science and teaching, problematizing the perception about the method and the historicity of knowledge. In this sense, he also highlights the contributions of Michel Foucault (1926-1984). In the wake of his genealogical production. Logically considering the temporal distance between the two thinkers and the specificity of their works. Finally, it questions the overcoming of dialectical criticism, dualistic thinking and reactive matrices of science, presenting the plot of a *Gaia Science*.

Keywords: Knowledge. Criticism. Formation.

1. Introdução

O objetivo do presente trabalho é discutir a conexão entre o conceito de genealogia e o campo da ciência. Por meio dessa conexão, pretende lançar problemas (epistemológicos e pedagógicos) sobre as práticas de ensino e pesquisa. Tais problemas procuram se afastar do modelo lógico-racional de interpretação do conhecimento científico, bem como das matrizes críticas dialéticas. Esse procedimento significa partilhar de um modelo de interpretação (da vida, da natureza, do saber) que não se esgota de sentido; ao contrário, na percepção do perspectivismo nietzschiano (MARQUES, 2003) o mundo é organicamente valorado na dimensão da Vontade de Poder. Mas o que isso significa? Significa que, plasmado por forças vitais, tanto da ordem afirmativa quanto reativa (DELEUZE, 1976), o sentido da odisséia humana pelo planeta não pode ser naturalizado ou cristalizado pelo discurso niilista da exploração econômica. É como se a ciência estivesse diante do reducionismo de seu papel social

¹  ORCID iD - <https://orcid.org/0000-0003-4218-3573>. Doutor em Educação pela UFRGS. Professor permanente do PPGECC/UFS, Cerro Largo, RS, Brasil. Rua Jacob Reinaldo Haupenthal, 1.580, São Pedro, CEP 97900-000, Cerro Largo, Rio Grande do Sul, Brasil. Email: deniznicolay@uffs.edu.br

transformador, dominada por ideais fundamentalistas, quase sempre de matrizes políticas ou religiosas. Nesse sentido, o perspectivismo não assume uma postura acusatória, mas revitaliza as possibilidades de pensar o ensino, multiplica os olhares em direção à construção do conhecimento.

De certa forma, a genealogia, como ferramenta crítica metodológica, implica a sensibilização da compreensão histórica acerca de conceitos como: consciência, verdade e valor. Implica ainda o esforço desconstrucionista do sujeito iluminista, do progresso da ciência dentro da concepção do estado moderno burguês, ou seja, trata-se de despir os conceitos, deixá-los nus para, assim, reencontrá-los puros na origem do devir e da diferença. Quanto mais o pensamento, as ações e (na docência) o ensino são carregados de fardos negativos, mais reproduzimos o modelo de negação da vida. É como num ciclo vicioso de repetição exaustiva de caracteres burocráticos, de palavras vazias num roteiro e, portanto, sem criatividade ou inovação. Assim, nesse breve texto de introdução, pretendemos expor o papel da ciência na perspectiva genealógica, a multiplicidade a serviço da construção do conhecimento e da revitalização das práticas de ensino. Inicialmente, faremos uma exposição sobre a possibilidade metodológica da genealogia e, após, contextualizaremos tal procedimento sobre a realidade do conhecimento e das práticas formativas.

2. Metodologia/Detalhamento das Atividades

No mundo da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, o conceito de genealogia é associado à obra do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Com efeito, “A maior parte dos especialistas costuma falar em três fases ou etapas, conhecidas pelas denominações de *arqueologia*, *genealogia* e *ética*.” (VEIGA-NETO, 2017, p.35). Nesse caso, as obras da segunda fase (*A ordem do discurso* (1971), o primeiro volume da *História da sexualidade* (*A Vontade de saber*-1976) e *Vigiar e punir*) pertencem ao Foucault da genealogia. Mas não é apenas nesse período que o filósofo sofre influência do pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900), uma vez que, como pensador complexo, refutando a tradição hegeliana marxista da história e a psicanálise de Freud e Lacan, se avizinha cada vez mais das contribuições nietzschianas. Sobre o conceito de genealogia, por exemplo, dois movimentos demarcam tal configuração: “*Herkunft*: é o tronco de uma raça, é a *proveniência*; [...]” e “*Entstehung* designa de preferência a *emergência*, o ponto de surgimento.” (FOUCAULT, p.20, 23). Portanto, a partir da emergência e da proveniência, Foucault provoca uma espécie de contraponto da História na medida em que quebra a sequência linear e autoritária do discurso oficial. Trata-se de contemplar uma “*Wirkliche Historie*”, ou seja, uma “história efetiva” ou, ainda, “história do presente”, “história do acontecimento”.

Tal percepção da história não se enquadra em nenhuma visão racionalista tradicional. Aliás, procura romper com o modelo dualista de interpretação do conhecimento e restaura o corpo como a grande razão do saber. Porém, isso não significa a retomada do humanismo tardio, tampouco uma supervalorização antropocêntrica. É em Nietzsche que o corpo como grande razão recebe status de *übermensch*, o além-do-homem de seu jargão conceitual. Mas a relação é complexa e corremos o risco de fugir do foco proposto na introdução. Então, acompanhando

Nietzsche, Foucault sinaliza que: “As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta.” (1976, p.28). Entendemos que de modo genealógico, a partir dessa passagem, o filósofo situa as complexas relações de poder que se estabelecem na vida social. E, numa espécie de exaustão de tal forma de vida, procura restabelecer o possível e a esperança. Essa esperança cabe ao sentido pluridimensional que damos a ideia de “luta histórica”. Por exemplo, nas matrizes críticas dialéticas (em Hegel, mas também Marx) essa forma de luta parte da negação da realidade; na genealogia de Nietzsche, ao contrário, a luta é compreendida como uma espécie de essência vital do mundo, o *polémos* heraclitiano e, desse modo, não há possibilidade de negação, mas afirmação, mesmo a custo da dor e do sofrimento. Ora, a regeneração, após ser despedaçado pelos Titãs é tarefa de *Dionisos*, de uma filosofia dionisiaca. Queremos dizer que o valor da vida está acima de tudo, uma vida de bem-estar harmonizada com a natureza e o mundo. E se, se luta, é por dignificar as condições de vida em sociedade, por respeito mútuo e dignidade. Mas onde entra a ciência, o ensino e a tarefa da genealogia dentro disso tudo?

Nietzsche é um crítico da tradição científica. Desde as bases gregas com o socratismo teórico de Platão em detrimento ao vulto estético da tragédia grega até o niilismo das ideias modernas, o filósofo não compreende a ciência como um baluarte da inteligência humana. Pelo contrário, desconfia das verdades instituídas, das leis e das teorias que fundamentam o discurso científico. Para ele, o único interesse do homem é a sobrevivência e a manutenção da espécie. Isso assinala, portanto, sua compreensão utilitarista da ciência, bem como a produção de valores niilistas deslocados da vida prática, real. No entanto, há uma fase da obra do filósofo, sobretudo na sua ruptura com Schopenhauer e Wagner, em que ele procura relativizar o conhecimento científico com a teoria das forças e com o conceito de Vontade de Potência. Pertencem a esse período as obras: *Humano, demasiado humano* (1878) e *Gaia ciência* (1882). Em certo sentido, ele valoriza apenas uma faceta da ciência, o raciocínio cético questionador, o materialismo como postura antidogmática, o espírito desafiador contra os valores judaico-cristãos. Interessa o controle das forças no intuito de produzir mais energia, canalizar o potencial criativo da Vontade de Potência. Mas o acúmulo de energia também significa o risco de destruição, o caos da Vontade desordena e cria exceção. E, se a ciência em si não é suficiente para o desenvolvimento humano, a saída responde com o nome de “Gaia ciência”. Com efeito, Nietzsche retoma o esforço de conciliação entre ciência e arte, refutando o fundamentalismo religioso e metafísico. É a arte que anima a possibilidade de evitar o trunfo da forma niilista da vida, potencializa a natureza instintiva e circunstancial da espécie humana. Claro que estamos falando da ciência moderna, aquela que afirma a “vontade de verdade” contra toda obscuridade do conhecimento. Mas mesmo a ciência moderna (que parte do cartesianismo, passando por Kant e chegando ao século XX) não realiza nenhuma forma de autocrítica, pois a busca obsessiva pela verdade esconde o controle, o domínio e o poder, ou seja, formas de negação da vida. Além de que o fisiologismo burocrático, midiático e estatal é incapaz de realizar o diagnóstico da valoração moral enrustida nos postulados discursivos de produção do conhecimento. Ou seja, contra essa forma de ciência se levanta o procedimento genealógico nietzschiano.

3. Resultados E Análise

Em tal leitura, percebemos que a ciência não está imune à possibilidade de moralização de seus postulados. E se a ciência não é neutra, não pode exercer indiferença frente a tecnocracia do Estado e a alienação do pesquisador. Ou seja, a quem serve o interesse em dominar tal produção de conhecimento? Como renovar o papel do ensino numa prática perspectivista? O que quer os investimentos em políticas públicas de desenvolvimento científico e tecnológico? É um jogo de forças: Estado X intelectuais, conhecimento X fundamentalismo, ciência x não ciência, gestão pública X interesse privado, sem contar a pasmaceira midiática via redes sociais que, a cada dia, empobrece a dignidade humana. Queremos dizer que a ciência contemporânea está nesse meio, por isso atende que possamos operar uma profunda crítica genealógica. E pensamos, inclusive, que tal propósito possa elencar duas considerações: a primeira é pertinente ao sujeito pesquisador e, a segunda, nomeia o conceito de verdade como o grande estigma da filosofia, de maneira que possamos perguntar novamente: O que significa a verdade na ciência?

Sobre a primeira consideração, devemos lembrar-nos desse corpo histórico que vivenciamos. A genealogia, no movimento de proveniência, parte das marcas sobre a pele, das cicatrizes do tempo. Nesse sentido: “Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.” (FOUCAULT, 1976, p.22). Esse corpo vital, esse ator das ações cotidianas que luta, incansavelmente, pelo direito a sobrevivência. Essa massa anônima assolada pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, uma vez que o sonho iluminista nunca se realizou por completo. Ou seja, é essa concretude, imediata e orgânica da vida, que coloca o regime das forças em operação. Não há domínio absoluto de uma força sobre a outra, nem destruição definitiva. Há uma espécie de acoplamento, de temporalização da Vontade e, com isso, o deslocamento potencial de energia em direção ao objeto de desejo. Assim, o corpo que escreve a história é um ‘corpo sem órgãos’, animado pelo exercício de mudar com o tempo, se revitalizar com a ambiência da deusa mãe: *Gaia*.

O que percebemos, nas linhas acima, é a valorização do corpo em detrimento ao conceito de espírito ou alma da religião, como também pouca confiabilidade no mecanismo da consciência. Há uma valorização das pulsões, da ciência instintiva e da emotividade humana como recursos para o enriquecimento da interpretação perspectivista. Não é aleatório que o início da Genealogia da moral tem a seguinte afirmação: “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? [...]” (NIETZSCHE, 1998, p.7). Portanto, existe uma forma de interioridade, autognose, que apela para a busca de si próprio, pela capacidade individual de discernimento e crescimento pessoal.

O movimento de emergência clarifica o exercício brônzeo das forças. Lá, nos subterrâneos da Vontade de onde brotam recalques da opressão, estigmas geracionais, carências de toda ordem, é que o indivíduo procura renovar-se.

Por fim, a verdade na filosofia de Nietzsche é temporária. Ela está preza, de alguma forma, ao conceito clássico da filosofia antiga, a ideia de devir ou vir-a-ser, esse movimento perene de criação do novo. No conhecido texto “Sobre verdade e mentira no sentido extra-

moral”, com todas as letras, Nietzsche define: “O que é, pois, a verdade? Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas [...]” (NIETZSCHE, 2008, p.36,37). Ao antropologizar a verdade, o filósofo destrona o saber, a ciência e a razão, coloca o ser humano em suspeita, renega a tábua de valores tradicionais. Ele multiplica as possibilidades do conhecimento, faz vir à tona o insuportável jogo das máscaras para tornar o cabedal artístico a verdadeira mola propulsora da existência.

4. Conclusões

A natureza perspectivista da obra de Nietzsche não se apresenta de maneira definitiva. Para compreender as ações da genealogia, é preciso lê-lo lentamente, remoer cada palavra e dar uma cor pessoal ao processo de formação. “Torna-te o que tu és” é um lema que acompanha o filósofo desde a “Origem da tragédia”. Ele supera a ironia socrática do “Só sei que nada sei” e o paroxismo cartesiano do “Penso, logo existo”. Interessante que nestas duas últimas afirmações percebemos um sujeito que se volta para si como condição de interioridade (reflexividade), como uso da consciência numa humanidade possível. O lema de Nietzsche, ao contrário, procura despertar a Vontade de Poder, o reconhecimento de si por meio da luta de forças. A ação de tornar-se é semelhante ao universo da Alegoria platônica, cujo personagem arrasta suas correntes a fim de se distinguir daqueles que estão aprisionados e com os olhos voltados para o fundo, para o nada. Quem sabe, tratando-se da ciência e seu ensino, tenhamos que multiplicar os pontos de vista, considerar a organicidade da vida e do mundo cotidiano para, assim, quebrar as correntes da estupidez e da ignorância.

5. Referências

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado: Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARQUES, A. **A filosofia perspectivista de Nietzsche**. ; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

NIETZSCHE, F. **Sobre verdade e mentira**. Tradução Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.